

ESTUDOS BAKHTINIANOS E PESQUISA NO CONTEXTO DA UEMS – CAMPO GRANDE

Alan Silus¹
Natália Aparecida Tiezzi Martins dos Santos²
Maria Leda Pinto³

RESUMO

O presente artigo pretende discutir questões pertinentes aos estudos bakhtinianos e suas relações com a epistemologia da pesquisa, presentes nos estudos e pesquisas da academia. Ainda no decorrer do texto, apresentaremos a relação dos estudos do Círculo de Bakhtin com o Núcleo de Estudos Bakhtinianos e com o Laboratório de Estudos Discursivos do Círculo de Bakhtin da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – Campo Grande) procurando demonstrar como as observações acerca da teoria são consolidadas por pesquisadores e estudantes dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras na unidade da instituição na capital.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Estudos Bakhtinianos. Pesquisa. NEBA.

BAKHTINIAN STUDIES AND RESEARCH IN THE CONTEXT OF UEMS - CAMPO GRANDE

ABSTRACT

The present article intends to discuss what is relevant to our Bakhtinians, to present our studies and research of the academy. Still do not decorate the text, present the relation of the studies of the Circle of Bakhtin with the Nucleus of Bakhtin Studies as Laboratory of Discourse Studies of the Bachelor of Science of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS – Campo Grande) about knowledge the theory is consolidated by statistics and students the studies of Graduation and Post-Graduation in Letters in unit of institutional in capital.

Keywords: Bakhtin Circle. Bakhtinian Studies. Search. NEBA.

¹ É Professor do Superior e assessor na empresa LuzAzul Produções trabalhando na organização das atividades profissionais da cantora Tetê Espíndola. Tem experiência na área de Letras e Educação, atuando nas seguintes áreas: Formação Docente, Educação do Campo, Educação Ambiental, Psicologia Histórico-Cultural, Ensino de Linguagens, Análise Dialógica do Discurso, Literatura Regional e Música Sul-Mato-Grossense, tendo ministrado diversas aulas, palestras e oficinas sobre os temas acima mencionados.

² Professora da Rede Privada de Ensino em Campo Grande – MS. Aluna Regular do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande.

³ Doutora em Letras – Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Aposentada da Universidade Estadual da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande e Docente Sênior do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Acadêmico da mesma instituição.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca demonstrar as relações existentes entre a teoria bakhtiniana, desenvolvida no Círculo — por estudiosos dentre os quais destacamos Mikhail Bakhtin (1895-1979) — e a pesquisa, componente imprescindível aos estudos acadêmicos contemporâneos de maneira a apresentar as relações dos estudos dialógicos com os contextos em que a pesquisa, materializada por meio de textos, se faz no cotidiano das ciências.

Junto a este estudo, pretendemos socializar também as relações de estudos e pesquisas sobre a teoria do Círculo de Bakhtin — no contexto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande — realizados por um grupo de pesquisadores e alunos dos cursos de Graduação, Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras e Mestrados Profissionais em Letras e Educação.

Nesse contexto, destacamos o Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação, Linguagem, Memória e Identidade – CELMI da UEMS (Campo Grande) criado pelas professoras Léia Teixeira Lacerda, Kátia Cristina Nascimento Figueira e Maria Leda Pinto, com a finalidade de socializar e promover pesquisas na área de Letras e Educação onde os estudos do Círculo se fazem presentes no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Diversidade, no Laboratório de Estudos Discursivos do Círculo de Bakhtin (LEDISC) e no Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA), do qual trataremos sobre suas ações ao decorrer do texto.

Ao longo do artigo, utilizaremos autores que estudaram Bakhtin em diversos momentos e que em cada tradução, nominam seus colegas do Círculo de maneira diferente, porém, essas mudanças não alteram o contexto de apresentação da teoria e das ideias pautadas neste texto.

O círculo de Bakhtin

Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em 1895 em Oriol na Rússia onde com sua família passou a infância até migrar para Vítnius e Odessa na adolescência. Nesta última cidade, graduou-se em História e Filologia no ano de 1918 se instalando dois anos após em Vitebsk para ocupar um dos vários cargos relacionados ao ensino que teve em sua trajetória de vida. (YAGELLO, 1988).

Ao longo de sua carreira como docente e estudioso dos autores da Literatura e Filosofia russa, Bakhtin conhece outros estudiosos, que se tornam seus amigos pessoais e com os quais passa a reunir-se regularmente ao longo de aproximados 10 anos, em Nevel e Vitebsk e depois em Leningrado (atual São Petesburgo).

O grupo, denominado por autores como Yagello (1988), Faraco (2009), Faria e Silva (2013) e Fiorin (2016) como *Círculo de Bakhtin*

era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto), incluindo, entre outros, o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski [...] Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. (FARACO, 2009, p. 13).

De todos os participantes do *Círculo*, Voloshinov e Medvedev foram os amigos mais próximos a Bakhtin. Graduado em Estudos Linguísticos em 1927, Voloshinov era professor e gostava de estudar história da música, já Medvedev era graduado em Direito e trabalhava como professor e gestor cultural. (FARACO, 2013).

Bakhtin foi o mais próximo amigo destes dois membros do *Círculo*, porque, de acordo com Yagello (1988), ao retornar a Petrogrado vítima de osteomielite e impossibilitado de exercer suas funções, “Voločínov e Medviédiev, seguiram-no a Petrogrado. Animados pelo desejo de vir a ajudar financeiramente seu mestre e, ao mesmo tempo, divulgar suas ideias, ofereceram seus nomes a fim de tornar possível a publicação de suas primeiras obras”. (YAGELLO, 1988, p. 11).

Conforme cita Fiorin (2016), em 1929, Bakhtin é preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados em Solóvki. O autor menciona que não se sabe ao certo os motivos que o levaram à prisão, porém, cita que a mesma não ocorre devido ao fato de sua saúde estar em condições precárias, dessa maneira, o filósofo russo passa a viver em Kustanai na fronteira do Cazaquistão com a Sibéria exercendo diversos trabalhos relacionados à educação e a escrita.

Em 1940, apresenta, no Instituto Gorki, sua tese de doutoramento, intitulada *Rabelais e a cultura popular*. Devido à guerra, não consegue defendê-la, o que só é feito em 1946. Esse trabalho gera grande polêmica e, depois de muitas idas e vindas, um Comitê encarregado de decidir sobre sua aprovação faz, em 1952, o julgamento final, negando-lhe o título de doutor. Esse trabalho, publicado em 1965, deu-lhe renome mundial. (FIORIN, 2016, p. 13, grifos do autor).

Assim como Fiorin aponta que o autor foi reprovado em seu doutoramento, autores como Renfrew (2017) destacam a não obtenção do grau, mesmo depois de muitos anos de pesquisa e aguardo para defesa, conforme é mencionado neste trecho: “embora sua tese tivesse sido apresentada para a defesa em 1940, o mais alto grau exigido para ele ser designado para aquela posição nunca lhe foi atribuído” (RENFREW, 2017, p. 35). O autor ainda menciona que Bakhtin “defendeu sua tese na “tenra” idade dos 50 anos, apenas para ser submetido a uma humilhação final”. (RENFREW, 2017, p. 35).

Fiorin menciona ainda que com a publicação da tese sobre Françoise Rabelais Bakhtin se torna conhecido na Ásia e em parte da Europa e ganha certo prestígio social entre os estudiosos do seu país. De volta a Saransk em 1945, é convidado a ensinar Literatura e chefiar o Departamento de Estudos Literários do Instituto Pedagógico da cidade, permanecendo nesta função até 1961 quando se aposentou. (FIORIN, 2016).

Dente as obras publicadas, ora por Bakhtin, ora por seus amigos do círculo, Faria e Silva (2013) destacam: *O Método Formal nos Estudos Literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*, *Problemas da Poética de Dostoievski*, *Estética da Criação Verbal e Para uma Filosofia do Ato*.

Aposentado de suas funções, em 1969, Mikhail Bakhtin volta para Moscou em busca de tratamento médico devido ao seu estado de saúde bastante debilitado. Toda sua vida sempre foi bastante simples e sem muitas grandiosidades. De acordo com Fiorin (2016), todos os cargos ocupados por ele foram desempenhados com muito esmero e sem nenhum tipo de vaidade. “Sua trajetória foi marcada pelo ostracismo, pelo exílio e pela marginalidade dos círculos acadêmicos mais prestigiados” (FIORIN, 2016, p. 13).

Casado desde 1921 com Elena Aleksandrovna Okolóvitch, teve em sua esposa um pilar, um sustentáculo para todas as eventualidades (boas e ruins) que ocorreram em sua vida. Após 50 anos de casamento, Elena falece, fato que levou a saúde de Bakhtin ao extremo e corroborando para a sua morte em março de 1975, aos 79 anos. (RENFREW, 2017).

As obras deixadas por Bakhtin ganharam espaço no mundo inteiro, sendo que no Brasil passa a ser conhecido a partir do final dos anos 1970 e começo dos anos 1980. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é a obra bakhtiniana mais lida nos grupos universitários, com foco especial para a Filosofia, Sociologia e Linguística.

Para muitos, a teoria dialógica de Bakhtin ultrapassa essas áreas, pois em parte de suas obras, o autor relaciona questões como linguagem, estética, ideologia, filosofia e sociologia às

questões ligadas às ciências humanas e por isso, suscitam novos olhares de pesquisadores e estudiosos das diversas áreas.

Outro ponto a ser mensurado é que a partir dos anos 2000, os estudos bakhtinianos passam a ser utilizados, com maior frequência, como aporte teórico-metodológico para os estudos sobre as epistemologias da pesquisa como se apresentam em diversos artigos nos quais o texto como objeto científico é evidenciado. Uma leitura importante, nesse aspecto é a obra de Marília Amorim, intitulada “O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas” (publicado pela Editora Musa no ano de 2001).

As aproximações sensíveis entre a teoria e a pesquisa é o que nos conduz à produção deste artigo. Dessa perspectiva, procuramos destacar nos itens a seguir, as relações entre as categorias postuladas por Bakhtin e a pesquisa (materializadas pelo uso do texto como objeto de análise) e de como a teoria chega e se consolida na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande, por meio do Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA) e do Laboratório de Estudos Discursivos do Circulo de Bakhtin (LEDISC).

Bakhtin e a pesquisa

Desde a primeira etapa da escolarização somos colocados em contato com as diversas formas de conhecimento e, na medida em que crescemos, esses conhecimentos se expandem, se aperfeiçoam ou se modificam. Ao buscar o desenvolvimento de maneira eficaz, o homem se depara com novas formas de aprendizagem e novas formas de representar a realidade.

Ao longo de sua evolução, o ser humano racional produziu diversas formas de conhecimento para explicar, melhorar ou significar o seu dia a dia. Marques [et. al.] assevera que

com o desenvolvimento do conhecimento humano e da linguagem necessária à sua transmissão, surgiram duas formas de conhecimento que dominaram a humanidade por milhares de anos: **conhecimento empírico** (senso comum) e **conhecimento religioso**. Posteriormente surgiram os **conhecimentos filosóficos** seguidos da ciência, a qual é uma proposta historicamente muito recente. (MARQUES [et. al.], 2014, p. 11, grifos do autor).

Assim, o despertar para o conhecimento gera no homem a atividade da pesquisa, que para Ávila

não é mito nem rito. Para se entrar no seu mundo, basta que se equipe progressivamente de: a) hábito de cultivo da curiosidade; b) disponibilidade para fundamentação e aprendizado permanentes; c) exercício de capacidade dinamizador-criadora; d) intenção de aprendizado cumulativo, pela conquista da paciência estratégica de se começar pelo começo ou de se preparar e ensaiar para produções sofisticadas a partir das mais simples e fáceis; e) gosto pelo desenvolvimento de habilidades de prospecção, programação, acuidade e controle de observações; e f) condições mínimas de formulação de análises descritivo-interpretativas, principalmente por escrito”. (ÁVILA, 2009, p. 16).

Dessa maneira, o homem se viu imerso a um mundo de inquietações. Para que essas inquietações fossem respondidas, pesquisava. Ao longo dos anos, outras inquietações foram surgindo e com a sistematização do conhecimento, essas inquietações tornam-se objeto de estudos que levaram longos anos para ser concretizados e, com certeza, até hoje não se chegou ao produto final.

A pesquisa então passa a ser incorporada à universidade, que é vista como o principal centro para a disseminação do conhecimento e práticas inovadoras. Contudo, Demo nos alerta que a pesquisa

deve ser vista como processo social que perpassa toda a vida acadêmica e penetra na medula do professor e do aluno. Sem ela, não há como falar de universidade, se a compreendermos como descoberta e criação. Somente para ensinar, não se faz necessária essa instituição e jamais se deveria atribuir esse nome a entidades que apenas oferecem aulas. (DEMO, 1990, p. 36).

Com o passar dos anos, e com o aumento da quantidade de questões a serem investigadas, o homem necessita fazer a divulgação dessas investigações, encontrando nesse percurso outras pessoas que comungam das mesmas inquietações, que possibilitaram assim trocas de experiências e agilidade na busca de respostas. Com relação a essas trocas e, no advento da globalização, a disseminação do conhecimento se tornou uma exigência do mundo acadêmico e hoje é fundamental que qualquer pesquisa científica seja socializada.

Para aqueles que trabalham com a teoria bakhtiniana, um ponto necessário antes da socialização, é a produção por meio da dialogicidade proposta pelos estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), onde o autor defende que todo discurso deve ser enunciado à luz de outrem e, que por mais que eu escreva uma obra com a minha visão pessoal, sempre trarei a visão do que outros (autores, professores, pesquisadores e até leigos) já disseram/pensaram sobre o que estou definindo.

Nessa questão, Amorim apresenta que

adotar uma perspectiva dialógica não quer dizer que se recusa todo texto monológico. O monologismo tem sua produtividade, sua potência de dizer. A dimensão monológica do texto científico é tão necessária quanto o é na poesia, nos ensina Bakhtin. Entretanto, é necessário poder analisar o **como**: onde o texto é monológico? em que lugar? qual é a voz que ele suprime? e qual o efeito disso na produção de conhecimentos? (AMORIM, 2001, p. 16, grifo da autora).

A pesquisadora informa que não existem monologismo e dialogismo absolutos. Lidar com o texto científico é uma questão de alteridade. Quando lidamos com a alteridade, devemos ter em mente que seu conceito está atrelado ao que pensamos, agimos e permitimos com que o outro esteja vinculado a nós. Com relação ao texto científico, destacamos em Amorim (2001), dois elementos necessários para a alteridade na pesquisa.

Em primeiro lugar para a autora, “*a teoria e o conceito desempenham um papel alteritário fundamental*. Eles permitem que meu texto seja objetável em sua pretensão universalizante”. Em segundo lugar, “*a ênfase no vivido do pesquisador corresponde à supressão da alteridade em um outro nível decisivo que é o nível da escrita propriamente dita*. Não escrita criadora sem alteridade entre autor e locutor”. (AMORIM, 2001, p. 17-18, grifos nossos).

É no bojo dessas discussões que é possível afirmar que não há produção científica sem muito estudo materializado pelas práticas de leitura. É por meio da leitura que poderemos transformar nosso meio de comunicação, é no desenvolvimento da linguagem que o indivíduo encontra formas de se relacionar com o mundo (SILVA, 2008). “A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos” (VYGOTSKY, 2010, p. 52).

Dessa maneira, Bakhtin acredita que

todo conteúdo ideológico, sem exceção, qualquer que seja o código pelo qual ele é veiculado, pode ser compreendido e, em consequência, psiquicamente assimilado, isto é, ele pode ser produzido por intermédio do signo interior. Por outro lado, todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como uma instância obrigatória. (BAKHTIN, 1988, p. 57).

Essa reflexão revela a importância da leitura, pois, entendemos que ler é reconhecer o mundo, tendo em vista que, dessa forma, consideramos que o sujeito desenvolve-se e

apropria-se do conhecimento acumulado e, portanto, a sua constituição é um processo educativo. Em diferentes espaços, esse sujeito pode depreender os significados da prática social que está relacionada à cultura e, portanto, ao meio em que vive e/ou trabalha. (SILVA, 2017, p.).

Desse modo Silva (2017) apresenta que a leitura faz parte da cultura e, dessa forma, oportuniza ao leitor aproximar-se do texto, do contexto e inserir-se nele de forma a compreendê-lo e intervir em interação com o outro na produção de novos conhecimentos, no reconhecimento dos espaços, de pertença e identificação com pessoas, lugares e memórias que produzem novas histórias de vida, de convivência e de construção de identidade.

Portanto, em um mundo em que estamos envolvidos às práticas de pesquisa, a leitura, o estudo e as trocas de saberes são importantíssimos, principalmente no âmbito da academia, onde pessoas se reúnem com um fim comum: estudar ou pesquisar teorias que são cotidianas às nossas práticas. Dessa, maneira, apresentaremos a seguir, um espaço no qual os estudos bakhtinianos e as leituras referentes a eles, suscitam pesquisas na Unidade Universitária de Campo Grande da UEMS.

O núcleo de estudos bakhtinianos na UEMS – Campo Grande

Criado em 2015, o Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA) surgiu com a proposta de estudar as questões teóricas vinculadas ao Círculo de Bakhtin e seus colaboradores como Valentin Volóchinov, Pavel Medvedev, entre outros. A importância de suas reflexões está na crítica ao estruturalismo saussuriano e, ao mesmo tempo, na proposta de uma perspectiva materialista da linguagem que, gradativamente, renovou as discussões sobre os estudos linguísticos e literários.

Apesar de marcar sua posição enquanto filósofo, as reflexões do Círculo de Bakhtin produzem efeitos de sentidos em diversos campos do saber, em particular nos estudos linguísticos do texto e do discurso. Nesse sentido, o pensamento e obras do grupo se constituem enquanto referências teóricas para discutir sobre língua, linguagem, gêneros do discurso e ensino.

Figura 1: Logomarca do NEBA

Fonte: Núcleo de Estudos Bakhtinianos – NEBA/ UEMS
Disponível em: <https://www.facebook.com/NEBAUEMS/>

Assim, o NEBA propõe-se a estudar e discutir as convergências e divergências apresentadas ontem e hoje nas leituras das obras publicadas por Bakhtin e pelos membros do Círculo, de maneira a integrar estudantes da Graduação em Letras (Licenciaturas e Bacharelado) e dos Mestrados em Letras (Acadêmico e Profissional — PROFLETRAS) da UEMS – Campo Grande, fomentando artigos, monografias e dissertações de seus alunos, bem como de pesquisadores e estudantes vinculados a outras instituições de Mato Grosso do Sul, como por exemplo, o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado.

Liderado pelas Professoras Aline Saddi Chaves e Maria Leda Pinto, o grupo que está enquadrado na área de Letras, Linguística e Artes da CAPES, conta hoje com 20 participantes ativos distribuídos por atividade e nível de formação conforme apresentamos na tabela abaixo:

Tabela 1: Distribuição dos Participantes do NEBA (2018)

Vínculo	Titulação	Número de Membros
Pesquisadores	Doutorado	3
	Mestrado	6
Estudantes	Mestrado (em andamento)	8
	Graduação (em andamento)	2
Técnicos	Especialização	1

Fonte: Os autores.

De acordo com os dados retirados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, o grupo trabalha sob a ótica de duas linhas de pesquisa vinculadas aos Estudos Bakhtinianos, sendo a primeira denominada de “Análise Dialógica do Discurso” e a segunda “Língua, Ensino e Dialogia”.

Dentre as diversas atividades do Grupo, a participação em eventos da área de Letras, Linguística e Educação são frequentes. Abaixo, apresentamos algumas participações do grupo em Seminários e Congressos como o IX SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, ocorrido na cidade universitária da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em Campo Grande – MS, em setembro de 2017.

Figura 2: Integrantes do NEBA apresentando trabalhos/ participando do IX SIGET (2017)



Fonte: Facebook do Núcleo de Estudos Bakhtinianos da UEMS.
Disponível em: <https://www.facebook.com/NEBAUEMS/>

No mesmo evento, alguns dos integrantes do Grupo participaram de uma sessão coordenada junto à Profa Dra. Gláucia Muniz Proença Lara, docente da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, especialista em Análise do Discurso, autora de várias obras na área.

Figura 3: Integrantes do NEBA com a Profa Gláucia Proença Lara no IX SIGET (2017)



Fonte: Facebook do Núcleo de Estudos Bakhtinianos da UEMS.
Disponível em: <https://www.facebook.com/NEBAUEMS/>

Ainda no ano de 2017, as coordenadoras do NEBA (Professoras Maria Leda e Aline) juntamente com a Professora Marta, (docente do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – IFMS e integrante do grupo) participaram de uma mesa-redonda na XII Jornada de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, ocorrida na UEMS – Campo Grande.

A mesa teve por título: “Estudos Bakhtinianos: língua e literatura” e contou com uma fala inicial da Profa Aline Saddi que apresentou um panorama dos estudos do círculo e, em seguida teve como contraponto a participação do Prof. Dr. Ravel Giordano (UEMS) que trouxe um panorama dos estudos sob a ótica da literatura. Por fim, as demais participantes, apresentaram a questão da autoria para Bakhtin e exemplificaram suas falas com excertos da dissertação de Mestrado em Letras de Marta, cujo trabalho foi orientado pela Profa Maria Leda.

Outros integrantes do grupo também participaram como ouvintes no evento promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) em parceria com a UEMS – Campo Grande, por meio do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras conforme descrito nas imagens a seguir:

Figura 4: Pesquisadoras do NEBA durante a mesa-redonda na XII Jornada de Filologia e Língua Portuguesa na UEMS – Campo Grande



Fonte: Facebook do Núcleo de Estudos Bakhtinianos da UEMS.
Disponível em: <https://www.facebook.com/NEBAUEMS/>

Buscando adequar-se às mudanças e propostas que a teoria bakhtiniana vem sofrendo ao longo dos anos, o núcleo passou a estudar uma nova edição de “Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)”, peça-chave das leituras do grupo, que foi traduzida do francês para a Língua Portuguesa no fim dos anos 1970 e passa na atualidade por alguns questionamentos feitos por estudiosos como Patrick Sériot, Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota⁴.

A obra, foi traduzida diretamente do russo para o português por Sheila Vieira de Camargo Grillo, doutora em Linguística e professora da Universidade de São Paulo – USP e por Ekaterina Vólkova Américo, doutora em Língua e Literatura Russa e docente da Universidade Federal Fluminense – UFF.

De acordo com as tradutoras

Marxismo e Filosofia da Linguagem, lançado agora no Brasil pela primeira vez em tradução direta do russo, é uma das obras fundamentais da linguística moderna. [...] A presente tradução, fruto de extensa pesquisa, toma por base as duas primeiras edições da obra (1929 e 1930), e vem acompanhada por um ensaio introdutório assinado por Sheila Grillo, que visa situar o leitor no contexto dos estudos da linguagem à época de sua escrita. Além de um glossário detalhado, foi incluído também o “plano de trabalho” de Volóchinov, de 1927-28, obtido diretamente em seu arquivo pessoal. (VOLÓCHINOV, 2017, contracapa).

⁴ Tais questionamentos com relação à autoria de Bakhtin aos textos publicados por seus companheiros de círculo são feitos em obras como “**Volosinov e a Filosofia da Linguagem**” de Sériot (publicada pela Parábola Editorial em 2015) e a obra de Bronckart e Bota, também publicada pela Parábola Editorial, denominada “**Desmascarando Bakhtin...**”.

Desde o retorno às atividades, no ano de 2018, o Núcleo de Estudos Bakhtinianos da UEMS – Campo Grande tem proposto o estudo intenso da nova edição de MFL, a fim de verificar se a tradução do russo interfere com relação ao conteúdo na primeira tradução oriunda da língua francesa, promovendo assim, profícuas discussões e reiteraões acerca dos conceitos que foram assinados por Volóchinov em uma Rússia que — no fim dos anos 1920 — censurou diversos nomes como Bakhtin e Vygotsky.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A espécie humana constrói e utiliza a ciência, entre outros aspectos, para garantir a manutenção da vida individual e da espécie em geral. Para tanto, cada pessoa tem que se apropriar dos conhecimentos que já estão acumulados e socializá-los (nas mais diversas formas) para que possam constituir a cultura de um grupo social, além da possibilidade de abrir novos campos investigativos.

Compreender que a realidade está sempre em movimento, que o sujeito — constituído em suas relações interpessoais — é também dependente de seu contexto histórico e social e da forma com que apreende eventos desse meio, trazidos a partir de diferentes óticas, suscitaram em leitores críticos, estudos e grupos de pesquisa para que os estudos bakhtinianos tomassem forma dentro das comunidades acadêmicas do lado ocidental do planeta, iniciando pelos franceses, na medida em que traduziam as obras do círculo, possibilitando outros países (inclusive o Brasil) acessarem tal teoria.

No caso de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, sua capital Campo Grande, a teoria bakhtiniana se materializa na Universidade Estadual por meio dos grupos de pesquisa vinculados ao CELMI e ao Núcleo de Estudos Bakhtinianos sobre o qual apresentamos um breve panorama de suas ações e práticas em busca do saber sobre as questões vinculadas ao círculo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu Outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- ÁVILA, Vicente F. **A Pesquisa na Vida e na Universidade: ensaio para estudantes, professores e outros profissionais**. 3. ed. Campo Grande: UFMS, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV, Valentín.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. 4. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1988.

- BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Núcleo de Estudos Bakhtinianos**. Disponível em: <goo.gl/85QhAJ>. Acesso: abr-2018.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARIA E SILVA, Adriana P. P. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (org.). **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2016.
- MARQUES, Heitor R. [et. al]. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 4. ed. Campo Grande: UCDB, 2014.
- RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcionlilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- SILVA, Alan S. C. **Trajetórias Formativas em Leitura e Escrita: memórias de professores do campo em MS**. 2017. Monografia (Graduação em Pedagogia). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN, 2017.
- SILVA, Jória P. O. Psicologia da Educação. In:_____. **Educação Sem Fronteira: Letras**. Volume 1 . Valinhos: Anhanguera Publicações, 2009.
- VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- YAGELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. 4. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1988.